

## TENSÕES ENTRE CIÊNCIA E JORNALISMO: UM PANORAMA

Lucas George Wendt<sup>1</sup>, Flávio Roberto Meurer<sup>2</sup>

**Resumo:** A cobertura de temas como ciência, tecnologia e inovação se mostra um fenômeno recente no Brasil: ocorre de forma expressiva por aqui há cerca de trinta anos, acompanhando um movimento mundial manifesto a partir dos anos 1960. Neste contexto, a emergência de assuntos relacionados à exploração do espaço e do ambiente terrestre e mesmo a descoberta de novas doenças e tratamentos, por exemplo, fez com que o interesse popular pela ciência aumentasse. Antes disso, iniciativas particulares de divulgadores, muitas vezes profissionais sem relação com o jornalismo, foram as pioneiras em publicizar o trabalho de cientistas em terras brasileiras. Para melhor compreender o cenário atual da divulgação de ciência, é necessário voltar os olhos ao ponto onde confluem estas duas práticas distintas e notadamente complementares: o jornalismo científico. Este artigo tem por objetivo contextualizar o jornalismo como ferramenta para a disseminação da informação científica e da produção de conhecimento e as problemáticas decorrentes da relação entre jornalistas e cientistas, e entre a ciência e o jornalismo. Inicialmente, trata sobre a ciência e o surgimento do pensamento científico, lançando olhar, em seguida, sobre os diferentes tipos de divulgação da ciência e a importância de disseminar o saber da ciência às pessoas. O último tópico trata dos problemas de divulgar a ciência por meio da rotina jornalística. Por fim, a conclusão de que as problemáticas entre jornalistas e cientistas podem ser resolvidas por meio do diálogo é apresentada.

**Palavras-chave:** jornalismo científico; divulgação da ciência; jornalismo. ciência.

### 1 INTRODUÇÃO

Estudar a interseção entre ciência e comunicação é importante, pois nos ajuda a entender os mecanismos que orientam a produção do conhecimento, o desenvolvimento de novas tecnologias e a inovação. Além disso, a divulgação

---

1 Mestrando em Ciência da Informação; UFRGS; [lucas.george.wendt@gmail.com](mailto:lucas.george.wendt@gmail.com).

2 Licenciando em Matemática; UFPel; Doutor em Comunicação e Informação; UFRGS; [frmeurer@universo.univates.br](mailto:frmeurer@universo.univates.br).

feita por jornalistas e meios de comunicação amplia os impactos do progresso científico na sociedade.

O jornalismo científico, como um gênero jornalístico, adota os procedimentos do jornalismo tradicional. Os profissionais desta área podem trabalhar como assessores de comunicação ou em redações de emissoras de rádio e televisão, além de meios impressos e, cada vez mais, em plataformas digitais. O papel do jornalista científico é democratizar o acesso do público em geral a pautas complexas que resultam de pesquisas e estudos com o potencial de transformar a sociedade.

A literatura sobre jornalismo científico frequentemente menciona a dificuldade de diálogo, a falta de comunicação e as diferenças entre as práticas como problemas que geram ruídos e atritos entre cientistas e jornalistas quando a ciência está em pauta. Estudos de Bertolli Filho (2006), Oliveira (2002) e Silva (2003) destacam essas questões. De acordo com Cavalcanti (1995), os cientistas temem que a objetividade e o imediatismo do jornalismo simplifiquem ou alterem a complexidade de seus trabalhos e declarações. Por outro lado, os jornalistas frequentemente afirmam que os cientistas são evasivos e relutantes em fornecer informações.

Neste contexto, este artigo, que é um desdobramento de pesquisas realizadas por Wendt (2017) e Wendt e Mazzarino (2023), tem como objetivo analisar as problemáticas enfrentadas pelos atores – jornalistas e cientistas – que atuam na divulgação da ciência. A análise será feita por meio de uma revisão bibliográfica relativa aos estudos sobre jornalismo científico. Ou seja, busca-se entender quais as problemáticas ou os tensionamentos mais comuns entre ciência e jornalismo na visão dos pesquisadores da área.

Na primeira parte do texto, busca-se entender o surgimento da ciência e da metodologia científica; a segunda parte trata da diferenciação das várias formas de divulgação científica, incluindo o jornalismo científico; e a terceira parte expõe as dificuldades e obstáculos que tanto cientistas quanto jornalistas enfrentam ao dialogar com o objetivo comum de publicizar eventos científicos potencialmente impactantes na sociedade.

O texto apresenta a metodologia empregada na seção seguinte (2); após são apresentados os resultados e discussões (seção 3); que aborda uma breve história da ciência e do pensamento científico (seção 3.1); a divulgação científica e suas diferentes formas (seção 3.2); as problemáticas de divulgar ciência com o jornalismo (seção 3.3) e as considerações finais (seção 4).

## **2 METODOLOGIA**

Para embasar a discussão sobre a relação entre ciência e comunicação, especificamente o jornalismo, será realizada uma análise de literatura assistemática que visa sintetizar e compreender as principais abordagens teóricas e práticas já discutidas sobre o tema. Este método permitirá a identificação das

ideias mais presentes na pesquisa já existente. A análise será realizada com a seleção de artigos acadêmicos, livros e capítulos que abordam a comunicação científica, o jornalismo científico e as interações entre jornalistas e cientistas. As fontes foram obtidas a partir de pesquisa no Google Scholar. Palavras-chave e expressões como “jornalismo científico”, “divulgação científica”, “comunicação e ciência” foram utilizadas para a busca de materiais relevantes.

Após a seleção dos textos, foi feita uma análise qualitativa dos conteúdos para identificar temas recorrentes e conceitos-chave utilizados nas pesquisas. As análises de Bertolli Filho (2006), Oliveira (2002), Silva (2003) e Cavalcanti (1995) são de particular interesse, pois oferecem perspectivas críticas sobre os conflitos e colaborações entre ciência e comunicação. Com essa metodologia, é fornecida uma base para a compreensão de como a ciência é comunicada ao público e como essas práticas podem ser aprimoradas, servindo como fundamento para as discussões subsequentes do artigo.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apresenta-se aqui uma breve explanação que aborda a história da ciência e do pensamento científico, perpassando a divulgação científica e suas diferentes formas e as problemáticas decorrentes de se divulgar ciência por meio do jornalismo.

#### **3.1 Breve história da ciência e do pensamento científico**

Ao longo da história da razão humana, as ciências surgiram em períodos ligeiramente diferentes, de formas diversas e em distintos locais do planeta independentemente. O Oriente Médio, a China, a Índia e a Grécia Antiga, por exemplo, experimentaram o desenvolvimento das filosofias naturais em épocas diferentes e de maneiras próprias. Formas distintas de compreender o mundo natural e os seus fenômenos coexistiram durante séculos. Para Oliveira (2002), os primeiros cientistas foram filósofos com visão científica e atuaram na Grécia.

A ciência é uma busca contínua pela verdade, num processo cumulativo e baseado no empirismo (metodologia que indica que todo o conhecimento advém da experimentação) e entendimento de que a ciência se baseia na observação e experiência e funciona por meio de um método científico é relativamente recente para Hart-Davis *et al.* (2014, p. 12):

Um sistema lógico para o processo científico foi primeiro apresentado pelo filósofo inglês Francis Bacon, no início do século XVII [...] O método científico de Bacon exige que os cientistas façam observações, formem uma teoria para explicar o que se passa e, em seguida, realizem um teste para verificar se a teoria funciona. Se parecer verdadeira os resultados podem ser enviados para revisão dos colegas, quando pessoas do mesmo campo científico ou campo

afim são convidadas a encontrar falhas e, assim, prová-la falsa, ou repetir a experimentação assegurando a precisão dos resultados.

Henry e Borges (1998, p. 20-21) diz que a matemática – elemento constituinte do método científico e do experimentalismo –, sempre esteve atrelada ao conhecimento humano, porém no século XVII a “matematização da natureza” passou a exercer um papel importante nas concepções da realidade. O autor prossegue indicando que “as ciências matemáticas sempre se dedicaram ao conhecimento prático, útil, e os praticantes [da matemática] em geral tinham uma orientação empirista testando [...] suas técnicas matemáticas” (p. 37).

A dissociação entre a ciência e a filosofia, movimento surgido e cristalizado entre os séculos XVI e XVII por meio da aplicação do método científico, criou aquilo ao que os historiadores se referem como Revolução Científica. É nessa época que se firma a metodologia científica, essencialmente progressiva. Sobre este tópico, a Revolução Científica europeia desencadeou “transformações [...] amplas na filosofia, na religião e no pensamento social, moral e político” (Oliveira, 2002, p. 18).

Nesse sentido, compreende-se que a ciência e o conhecimento humano acerca da natureza e da realidade são construídos em movimentos cumulativos: o progresso de uma geração no campo científico depende da produção das gerações anteriores. Num contexto em que as ideias circulam e são postas à prova, evidenciadas ou refutadas, a construção do saber é, além de acumulativa, extremamente colaborativa e só se dá por meio da troca de ideias e da comunicação.

Ao longo da história, a ciência surge como institucionalizada, além de ser colaborativa, como relata Oliveira (2002). Na Europa Medieval, período histórico que perdurou por dez séculos – do V ao XV –, tendo seu declínio com o início da Idade Moderna, a ciência era produzida na Igreja, por exemplo. Ao longo deste milênio, surgiram também as primeiras universidades europeias.

Atualmente, a ciência, além de institucionalizada, é cada vez mais ágil. Sobre isso, Silva (2003, p. 2) escreve que “agora, já iniciado o século XXI, é ainda mais veloz o trajeto entre o resultado da pesquisa básica e suas aplicações”. Nesse cenário de rápidas mudanças e transformações periódicas, a autora entende que se faz importante o papel do divulgador de ciência, que auxilia a sociedade a entender e a dar conta de tantas informações e eventos múltiplos relacionados com a ciência.

### **3.2 A comunicação de ciência e suas diferentes formas**

Para os atores de Ciência, Tecnologia e Informação (CT&I), publicizar é importante já que, segundo Bertolli Filho (2006, p. 11), “na lógica do capitalismo atual, o marketing constitui-se em elemento fundamental de legitimação das atividades desenvolvidas pela ciência”. Argumenta que as

instituições que trabalham com pesquisa (universidades, centros de pesquisa, institutos) precisam comunicar suas ações, bem como cientistas, para público especializado ou não; ao poder público, por sua vez, é importante divulgar seus investimentos em ciência.

Distinguem-se, segundo o que aponta Bueno (1985), dois fins distintos quanto à utilização da expressão “difusão científica” para indicar atos de publicização que podem ocorrer em dois níveis: a disseminação intrapares e a divulgação para o público de uma forma geral – esta última, quando feita por jornalista, chamada de jornalismo científico.

Na primeira delas, os resultados de estudos e pesquisas são publicados em revistas, portais eletrônicos e periódicos especializados. Nesses casos, os receptores são aquilo que se pode chamar de pares, ou seja, basicamente, outros integrantes da comunidade científica dedicada a determinado campo ou áreas afins. Calado (2006, p. 17) menciona que “a redação científica tem suas origens em um sistema de comunicação secular que se iniciou no século XVI e se difundiu por meio de trocas de correspondências entre cientistas”. Em dado momento, Henry Oldenburg, secretário da sociedade científica britânica *Royal Society*, percebeu a relevância do conteúdo dessas cartas e criou o *Philosophical Transactions*, que deu início à divulgação científica, explicam Oliveira (2002) e Calado (2006).

O outro tipo de divulgação, voltado para o grande público, é amplo, abrangendo livros, eventos, materiais audiovisuais, museus, que se encaixam nesta categoria. A divulgação científica pode ser praticada de forma independente pelo cientista, e não difere o profissional que a pratica, segundo Calado (2006).

Quando praticada por profissionais jornalistas, a divulgação é denominada jornalismo científico, objeto de análise deste artigo. Quando os conteúdos de estudos e resultados de pesquisa são tratados em redações de jornal, TV e rádio e no meio digital, facilmente abrangem um público bem maior, não entendido sobre o assunto:

Cada uma dessas categorias, a divulgação científica, o jornalismo científico e a disseminação científica contribuem para a difusão do conhecimento científico e desta forma se desenham como relevantes para a propagação e conhecimento da ciência (Calado, 2006, p. 27).

Oliveira (2002) e Calado (2006) relatam que é na Europa que o movimento de circulação e divulgação de ideias científicas surgiu, no século XVII, inicialmente por meio de cartas. Esse período é também uma época de efervescência nas tecnologias de aporte à disseminação de informações: ocorre a popularização dos materiais impressos – livros e jornais –, após a invenção dos tipos móveis de Gutenberg no século XV (Briggs; Burke, 2004).

De acordo com Oliveira (2002), a Inglaterra desponta como berço do jornalismo científico, e o nome mais importante do início da divulgação da ciência foi o do alemão Henry Oldenburg, organizador do *Philosophical Transactions*, em 1665. A autora ainda menciona que a dispersão dos movimentos divulgadores pela Europa e pelos Estados Unidos iniciou e ganhou impulso na segunda metade do século XIX. Calado (2006) concorda com essa observação, indicando que as grandes guerras mundiais foram importantes para despertar o interesse do público em saber o possível sobre as inovações tecnológicas.

No que tange ao jornalismo científico, o século XX vê surgir as primeiras associações de profissionais dedicadas à cobertura de ciência, e, para existir ciência a ser divulgada, é necessário que se invista em pesquisa, sendo que no cenário nacional, conforme escreve Oliveira (2002, p. 28-29), “foi a partir de meados da década de 1940 que a ciência brasileira entrou definitivamente para a agenda do governo e da sociedade”. Antes disso, refere que foram escassas por aqui as iniciativas divulgadoras (Wendt, 2017). Está-se em um contexto em que a informação científica é importante para o exercício da cidadania:

Atualmente o jornalismo científico é uma categoria jornalística consolidada no cenário mundial. [...] o jornalismo científico é, hoje, um campo do jornalismo imprescindível para a sociedade contemporânea, movida por uma velocidade sem precedentes quanto à criação de novos inventos e descobertas (Calado, 2006, p. 20).

Possuindo um papel fundamental na imprensa, que é o de disseminar os estudos científicos de qualquer área do conhecimento, a divulgação científica torna a ciência acessível ao não especialista, segundo Motta-Roth e Giering (2009) e Wendt e Mazzarino (2023).

### **3.3 Os problemáticas de se divulgar ciência com o jornalismo**

Sabe-se que não é fácil escrever sobre ciência. Para a classe jornalística, escrever sobre o tema pode apresentar algumas dificuldades. Entre outras coisas, exige domínio de uma gama de assuntos, complexos por vezes, um nível elevado de compreensão e a capacidade de avaliar criticamente o produto de CT&I. Para o cientista, relacionar-se com os jornalistas é complicado, segundo estudos analisados, como o de Cavalcanti (1995), e falhas de ambas as partes comprometem a atividade primária dessas classes interessadas em promover o acesso do grande público aos conteúdos científicos (Wendt, 2017).

Nesse sentido, conforme Caldas (2010), na relação entre cientistas e jornalistas, as tensões são naturais e inevitáveis, já que conflitos fazem parte de regimes democráticos de relação e diálogo. Para Chaparro (1990), um clima de desconfiança mútua perpassa o relacionamento entre ambas as classes profissionais; indo além, Bertolli Filho (2006, p. 9) destaca que “nenhum outro

gênero ou confluência de gêneros jornalísticos ganhou ápodos tão negativos e críticos”.

Entretanto, as diferenças entre os discursos precisam ser superadas. Jornalistas e cientistas, com seus distintos papéis sociais, trabalham, dentre outras coisas, para a democratização do saber e do acesso à ciência. Nessa linha de entendimento, Caldas (2010, p. 40) sugere que “jornalistas e cientistas precisam usar o poder que têm para compartilhar o saber com a sociedade em geral”. Assim, o entendimento é essencial, mesmo que existam problemáticas envolvidas.

As discussões entre os profissionais extrapolam os limites das situações meramente relacionais. Problemas já existem no momento em que o discurso jornalístico se apropria do discurso científico para a produção da notícia por si só. Este é um ponto com diversas problemáticas envolvidas. No momento em que o jornalismo se apropria dos assuntos científicos, também insere o conteúdo científico nas dinâmicas da redação e estrutura da produção de notícias. Cavalcanti (1995) opina sobre a questão, dizendo que existem discursos em oposição, o do cientista e o do leigo, mediados pelo discurso do jornalista. Bertolli Filho (2006), sobre este ponto, reflete que o jornalista carrega junto de si uma ideologia que o faz questionar a realidade sobre a qual escreve, e oferece ao leitor uma interpretação (sua) da realidade, ao passo que os cientistas, sob a ideologia científica, dão à sociedade saberes e conhecimentos racionais e inquestionáveis. Esse entendimento, porém, é questionado por Caldas (2010, p. 38): “O conhecimento científico não pode ser dissociado de sua dimensão social. Como a atividade humana, apesar da existência do método científico que a norteia, a ciência nem tem uma única verdade nem é absoluta”.

Quando se escreve sobre este âmbito da apropriação do discurso e transmissão da realidade – sendo ela um de fato científico ou não –, convém citar as palavras de Bertolli Filho (2006, p. 4), segundo as quais “para melhor comunicar os fatos da ciência os jornalistas recorrem a múltiplas estratégias permitidas pela linguagem, inclusive [...] metáforas e analogias”. Muitas vezes, essas estratégias podem se mostrar como o ponto de partida para os conflitos entre os profissionais (Wendt, Mazzarino, 2023).

Diversos estudos – entre eles o de Cavalcanti (1995) realizado com cientistas da Universidade Federal de Pernambuco e jornalistas da região metropolitana de Recife –, demonstram que o emprego de reducionismos e simplificações, numa tentativa de traduzir textualmente aquilo que o cientista explana durante uma entrevista, por exemplo, é uma atitude que os pesquisadores condenam, mesmo que, segundo Silva (2003), o discurso do cientista seja intrincado e enclausurado em suas especialidades.

Defendendo outro ponto de vista, Rios *et al.* (2005, p. 116) defendem que “redigir textos jornalísticos a partir de assuntos científicos é, antes de tudo, traduzir informações”. Esses tipos de recortes, de alguma forma, argumentam

os autores, fazem com o que leitor se contente com versões e não seja estimulado a entender as questões expostas no texto jornalístico de maneira mais profunda.

A redução de ideias é apenas um fator complicador; existem outros, que podem surgir em decorrência. Inexatidões ocorrem com frequência, mesmo que não sejam intentadas pelo jornalista quando tenta explorar a sinonímia e o uso de metáforas. Por ter uma função de ponte, conforme indicam Rios *et al.* (2005, p. 117), “entre o discurso científico e o leigo, [o jornalismo] não trabalha com a densidade pretendida pelo cientista”. Para esses autores, não raro os cientistas consideram o texto raso e superficial justamente em razão da substituição de termos – ato recorrente – e simplificação de ideias.

Além disso, as organizações jornalísticas são empresas, de forma que as notícias são um produto comercial segundo este ponto de vista, e o que sugere a teoria organizacional, segundo Traquina (2002). Nesse domínio, a orientação é produzir mais e melhor objetivando o sucesso comercial. Esse estudioso destaca que cabe, nesse momento, uma pergunta: o que atrai a atenção do leitor fazendo com que ele detenha seu tempo na leitura de determinado texto jornalístico, seja ele científico ou não? O consenso entre comunicadores diz que é uma boa manchete, que deve atender a alguns requisitos: deve ser clara, objetiva e sintetizar em poucas palavras o conteúdo que será exposto ao longo texto.

No jornalismo científico, boas manchetes têm um papel fundamental ao fazerem com que o leigo tenha sua curiosidade despertada e leia o texto. Quando se explora a questão de aguçar o interesse do possível leitor, o sensacionalismo é facilmente observado em publicações de assuntos científicos, especialmente nas manchetes. Nesse sentido, Cavalcanti (1995, p. 149) escreve que “cientistas e jornalistas concordam que o sensacionalismo contribui para afastar a comunidade científica da imprensa”. Outra situação que ocorre, segundo Bertolli Filho (2006), é um fenômeno chamado de espetacularização do saber, caracterizado quando os temas científicos são tratados sob o viés do entretenimento vazio e *sensacionalizados*.

Chaparro (1990), p. 130) aborda outro aspecto da relação jornalista-cientista: “[...] [o cientista] chega a fugir do jornalista e da divulgação, para evitar a exposição a métodos e meios que não domina”. Esses métodos e meios são a rotina jornalística. Um pesquisador comum não foge do estereótipo, passa recluso em seu laboratório e avesso às entrevistas durante quase a totalidade de seu tempo no trabalho. Ao atuar como fonte, quando procurado, o cientista se preserva das formas que pode. Uma das maneiras que encontra é, por exemplo, exigindo ler os textos que são produtos de entrevistas concedidas, numa tentativa de zelar pela sua imagem e pela instituição que representa, cingindo o trabalho do repórter.

Por sua vez, os jornalistas se desagradam, alegando que essa é uma prática pernicioso, danosa ao seu trabalho e à rotina produtiva. Bertolli Filho (2006) expõe que o curto prazo de tempo, comum nas redações, frequentemente



não permite que a solicitação do pesquisador seja atendida: isso faz com que os cientistas entendam os jornalistas como prepotentes e pouco profissionais. Em outro extremo, encontram-se os profissionais que indicam que redações nunca os procuram, alegando falta de interesse dos *media* pelo trabalho do pesquisador. Essa perspectiva é denunciada na pesquisa de Cavalcanti (1995, p. 148), que sugere que “alguns cientistas queixam-se que a imprensa não os procura [...] e, para eles, não é interessante ficar solicitando divulgação aos jornais”.

O que facilita neste cenário é que hoje a maioria das instituições de produção de conhecimento possui assessoria de imprensa para intermediar a relação entre a mídia e seu grupo de pesquisadores; contudo, o ponto negativo é o viés tendencioso que os conteúdos que saem de assessorias de comunicação assumem, pois lidam com a imagem de uma empresa, antes de tudo, em um ambiente capitalizado (Bertolli Filho, 2006).

Atravessando todas as problemáticas expostas e alheio às questões envolvendo cientistas e jornalistas, se tem um problema maior, muito mais endêmico e enraizado socialmente: analfabetismo científico, inclusive do profissional jornalista *preparado* para cobrir assuntos de ciência, no entendimento de Motta-Roth e Giering (2009).

Detalham que, muitas vezes, o jornalista, da mesma maneira que o público para o qual escreve, não teve acesso a uma boa Educação Básica, e que a formação no Ensino Superior apenas recentemente – e em casos muito particulares – está passando a incluir disciplinas optativas nos currículos dos cursos de graduação em Comunicação e oferecendo especializações na área da divulgação científica. Esses estudiosos consideram importante, nesse sentido, que a cultura científica esteja presente desde a Educação Básica, a fim de que as pessoas obtenham letramento científico e possam operar como cidadãos em sociedade. Conforme o que aponta Oliveira (2002), em oposição ao fato de que o letramento científico ainda é incipiente, no Ensino Superior, alguns cursos *stricto sensu*, nos níveis de mestrado e doutorado, começam a aparecer também.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que o tratamento jornalístico às informações científicas e as pontes entre os campos, por si só, geram conflitos. Os jornalistas, entre outras coisas, alegam a falta de acesso às fontes e a pouca colaboração dos cientistas quando a pauta é divulgar ciência, como exemplo. Os pesquisadores, por sua vez, se descontentam com a abordagem rasa dos profissionais jornalistas, manchetes sensacionalistas e a existência de falhas e frequentes interpretações errôneas em declarações, por exemplo.

Estudiosos referidos neste artigo argumentam que a atividade jornalística tem o viés de informar didaticamente, operando sobre a notícia de maneira interpretativa e que tal fato, muitas vezes, desagrade a fonte cientista,

bem como cobranças sobre revisão do texto descontentam o jornalista. Entretanto, problemas de relação entre fonte e jornalista não são exclusivos do jornalismo científico, estando presentes em todos os segmentos do jornalismo, e, de maneira mais visível ainda, no especializado.

Pelo exposto, compreende-se que uma tentativa válida para evitar conflitos como os supracitados seja o diálogo entre as classes. Além disso, cabe ao jornalista questionar quando surgirem dúvidas, seja durante a redação do texto, seja no momento da entrevista, e ao cientista, mostrar-se aberto quando questionado. Isso como duas posturas ativas e positivas a serem adotadas pelos profissionais cientistas e jornalistas em oposição à prática comum.

O estudo de revisão demonstra que é consenso entre os especialistas que as práticas profissionais do cientista e do jornalista são essencialmente diferentes. Essas diferenças discursivas, ao mesmo tempo em que latentes, compartilham o mesmo objetivo, que é o de aproximar a ciência do cidadão, oferecendo ao indivíduo instrumentos que possam servir para que ele interprete, avalie e construa sua concepção de realidade e desenvolvimento. E indo ainda além, serve também para que ele interprete, avalie e questione os investimentos das políticas públicas em ciência, tecnologia e inovação, primordiais para o futuro de cada país. Informar é a melhor maneira de formar um indivíduo crítico e alerta aos avanços tecnológicos, ao progresso de sua nação e, como consequência, da humanidade: propósitos da ciência.

Salienta-se que este estudo é uma revisão bibliográfica para dar um panorama das disputas entre os atores segundo a literatura da área. Existem possibilidades de desdobramento da pesquisa, como a observação da prática em casos específicos das relações de tensionamento entre cientistas e jornalistas.

## REFERÊNCIAS

BERTOLI FILHO, Claudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. 2006. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, UNESP. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg a Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceito e funções. **Ciência e Cultura**, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985. Disponível em: <https://biopibid.paginas.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

CALADO, Liliane de Andrade. **A Ciência no jornalismo impresso. Análise das reportagens do suplemento Milenium – Jornal Correio da Paraíba**. 2006. 135 f. Monografia (Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Inf. Inf.**, Londrina, Paraná, v. 15, n. esp, p. 31 - 42, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583/6763>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

CAVALCANTI, Fabiane Maria da Conceição Gonçalves. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. **Intercom – Rev. Bras. de Com.**, São Paulo, v. XVIII, n° 1, p. 140-152. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/885/789>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Um modelo jornalístico de divulgação da ciência. **USP/ INTERCOM**, São Paulo, v. 13, n. 62/63, p. 129-134, 1990. Texto digital. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/1348/1297>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

CHAPARRO, Manuel Carlos, in DUARTE, Jorge (Org). Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HENRY, John; BORGES, Maria Luiza X. de A. **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, c1998.

MOTTA-ROTH, Désirée.; GIERING, Maria Eduarda. (Orgs.). **Discursos de popularização da ciência**. Santa Maria, RS: PPGL Editores, 2009. (Coleção HiperS@beres, 1). ISSN 2177-6385. v. I, p. 8-25. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI/>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

RIOS, Aline de Oliveira *et al.* Jornalismo científico: o compromisso de divulgar ciência à sociedade – A comunicação entre jornalistas e pesquisadores e a responsabilidade social na disseminação de informações científicas. **UEPG**, Ponta Grossa, Paraná, v. 13, n. 2, p. 113-119, 2005. Texto digital. Disponível em: <<file:///C:/Users/lgwendt/Downloads/551-1701-1-PB.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

SILVA, Gislene da. A prática do jornalismo e o universo das ciências. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVI, 2-6 de 2003, Belo Horizonte, Minas Gerais. **Anais do Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/89496792408534800861299659472311417267.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

WENDT, Lucas George. Jornalismo científico em instituições comunitárias de Ensino Superior do Rio Grande do Sul. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 28 jun. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1882>.

WENDT, Lucas George; MAZZARINO, Jane Marcia. DESAFIO NA INTERAÇÃO ENTRE OS CAMPOS CIENTÍFICO E JORNALÍSTICO. Revista Signos, [S. l.], v. 44, n. 2, 2023. DOI: 10.22410/issn.1983-0378.v44i2a2023.3544. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/3544>. Acesso em: 8 ago. 2024.